



**A EPÍSTOLA DAS DEFINIÇÕES DE AL-KINDĪ: A RECEPÇÃO DA
FILOSOFIA GREGA NA LÍNGUA ÁRABE**

**AL-KINDĪ'S EPISTLE OF DEFINITIONS: THE RECEPTION OF THE
GREEK PHILOSOPHY IN THE ARABIC LANGUAGE**

Elias Mendes Gomes¹

RESUMO: Com a expansão territorial islâmica, a língua árabe foi projetada para além de suas fronteiras linguísticas históricas. O contato com os bolsões da cultura helênica revelou um vácuo terminológico no léxico desses conquistadores beduínos da Península Arábica, uma vez que não havia vocabulário técnico para expressar as noções já consagradas nas línguas das culturas conquistadas. Essa situação foi particularmente verdadeira no período das grandes traduções, quando os árabes, na qualidade de herdeiros e detentores da civilização greco-romana, vertem as obras clássicas do saber grego para a língua árabe. Al-Kindī, o primeiro filósofo árabe, foi instrumental para que a tradição filosófica se estabelecesse como árvore em solo nativo. Sua obra *“Epístola de Al-Kindī sobre a definição das coisas e suas descrições”*, foi um marco onde ele inventaria, descreve e ordena uma lista de termos filosóficos provenientes do grego, dando a eles uma forma paralela na língua árabe. O alvo desse artigo é explorar a *“Epístola das Definições”* como uma das primeiras tentativas de sistematização e normatização do vocabulário filosófico no mundo árabe, sendo seguido pela tradução de alguns termos propostos por Al-Kindī em seu tratado.

PALAVRAS-CHAVE: Língua árabe, Al-Kindī, filosofia grega em árabe.

ABSTRACT: The expansion of the Arabic language to beyond its historical borders followed the Islamic territorial conquest. The contact with the pockets of Hellenic culture revealed a terminological vacuum in the lexicon of those Bedouins from the Arabic Peninsula, as there was no technical vocabulary to express the notions already consecrated in the languages of the conquered cultures. This situation was particularly true during the Great Translations period, when the Arabs, as heirs and keepers of the Greco-Roman civilization, render the classic works of Greek knowledge into the Arabic language. Al-Kindī, the first Arab philosopher, was instrumental in making the philosophical tradition take root in Arabic soil. His work *“Epistle of Al-Kindī on the Definitions and Descriptions of Things”*, was a landmark where he catalogues, describes and arranges a list of philosophical terms deriving from Greek, giving them a parallel meaning in the Arabic language. The aim of this article is to explore the *“Epistle of the Definitions”* as one of the first attempts to systematize and standardize the philosophical vocabulary in the Arab world, followed by a translation of some of the terms contemplated in his treatise.

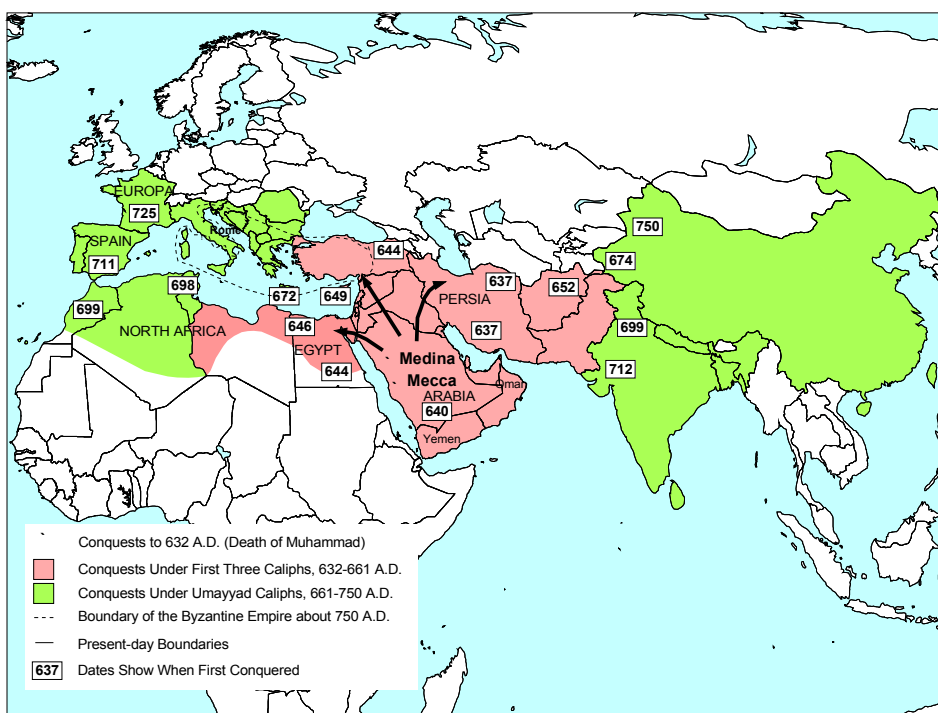
KEYWORDS: Arabic language, Al-Kindī, Greek philosophy into Arabic.

¹ Mestrando do Departamento de Letras Orientais (FFLCH / USP) no Programa de pós-graduação em língua, literatura e cultura árabe. Bolsita CAPES. Endereço eletrônico: eligomes@usp.br



Até a morte de Mohamed, o Profeta do Islã, o Islamismo esteve confinado à duas cidades na Península Arábica: Meca e Medina. Com o governo centrado nas mãos dos três primeiros califas, o Império Islâmico teve um período de expansão e consolidação. As fronteiras do Islamismo estenderam-se através do Norte da África até a atual Tunísia, ao norte até a moderna Turquia, e à leste até a Pérsia.

Com o advento da Dinastia Omíada (661-750), o Império alcançou o extremo oeste do Norte da África (Marrocos), atravessou a Estreito de Gibraltar e adentrou a Península Ibérica ao norte. À leste, as fronteiras foram alargadas até a Índia (Lahore) e China. O mapa abaixo ilustra a expansão geográfica do Império Islâmico durante seus primórdios (Braswell, 1996).



Com a queda da Dinastia Omíada, percebe-se que o Islamismo havia testemunhado uma expansão *externa* impressionante (tanto geograficamente quanto em influência); na Dinastia Abássida, entretanto, o Império Islâmico testemunhará uma consolidação e expansão *interna* sem precedentes. Durante os quase oito séculos de domínio do Califado Abássida, o território geográfico do Islamismo estendeu-se muito pouco, contudo, a civilização islâmica deu um salto para tornar-se exemplo de modernidade, erudição e desenvolvimento. Braswell (1996) atesta esse fato ao relatar: “Quando os mongóis saquearam Bagdá em 1258 tendo em vista por um fim ao



Califado Abássida lá, a civilização islâmica tinha sido estruturada em teologia, jurisprudência e ciência; e o árabe era falado da Espanha à Índia.”

Durante o primeiro século da Dinastia Abássida, o Império Islâmico experimentou um renascimento cultural que afetou a arte, a literatura, a ciência e a medicina islâmica e pavimentou o caminho para a *Idade de Ouro* do Islamismo. A sede do saber, a relativa estabilidade política e econômica durante esse período, e a atitude de conquistadores, providenciaram um terreno fértil para o florescimento dessas disciplinas. Concomitantemente, o estabelecimento das Escolas de Filologia de Basra e Kufa (que mais tarde se fundiram e deram origem a Escola de Bagdá) atesta que os árabes estavam não somente preocupados com o conhecimento e modernidade, mas com o desenvolvimento de uma nova terminologia que mantivesse a elegância e o estilo de sua língua (El-Khafai, 1985).

Os Abássidas derrocaram os Omíadas em 750 dC. O segundo califa da Dinastia Abássida, Al-Mansur (754-775) contruiu a nova capital do império, Bagdá, às margens do Rio Tigre. Depois de seu reinado, outros importantes califas se levantaram: Al-Mahdi (775-785), Harun Al-Rashid (786-809) e Al-Ma'mūn (813-833). Braswell (1996, p.46) relata: “Sob esses soberanos, Bagdá tornou-se uma metrópole esplendida, presidindo sobre um vasto domínio com energia e com poder implacáveis, desfrutando de um extenso comércio e abrigando um dos maiores centros interculturais de transferência intelectual na história do mundo”

O califa Al-Ma'mūn marcou o apogeu da dinastia Abássida. Durante seu governo, Bagdá desabrochou para as ciências e tornou-se renomada por seus intelectuais. Attie Filho (2002, pp. 119, 120) testifica que “o próprio califa interessou-se pelas obras gregas que eram traduzidas por cristãos e judeus para a língua árabe, e incentivou esse movimento”. Com seu patrocínio foi fundado o *Bayt al-Hikma* (A Casa da Sabedoria) em 830, cuja a principal tarefa era abrigar e traduzir obras científicas e filosóficas.

“[F]oi nesse cenário rico de influências que, em pouco tempo, os árabes se viram detentores de grande parte da herança filosófica e científica da Antiguidade que, paulatinamente, foi sendo traduzida para a língua árabe”. (Attie Filho, 2002, p. 134).

Historicamente, o Islamismo havia triunfado sobre outros povos e impingido a marca árabe sobre o mundo conquistado, o mesmo fenômeno ocorreu em direção contrária. Dessa vez,



porém, os árabes não entraram em contato com a herança de conhecimento através da conquista, mas através de missões especiais enviadas especialmente para procurar manuscritos para a tradução.

Gutas (1998), atesta que o movimento de tradução que ocorreu entre meados do século VIII e fim do século X, testemunhou a versão de quase todo o corpo literário grego para a língua árabe: de alquimia e ciências ocultas à astrologia, passando pela aritmética, astronomia, geometria e música, sem deixar de lado toda a extensa filosofia aristotélica, incluindo a ética, física, lógica e metafísica entre outros. O impacto dessas traduções foi tão grande que é quase impossível pensar no estudo dos escritos gregos antigos sem levar em conta a influência do árabe.

É essencial entender a posição que a língua árabe ocupou na difusão do conhecimento grego nas terras do Islã. Há, de acordo com Gutas (1998) e Badawi (1987), uma concepção muito difundida que essas traduções foram baseadas em outras pré-existentes em língua síriaca (dialeto aramaico, do tronco camito-semítico) e que tudo o que os tradutores deviam fazer era passar os textos do siríaco para o árabe. Essa compreensão, porém, é equivocada. De fato, relativamente poucas obras gregas de cunho secular haviam sido traduzidas para o siríaco, embora, sem dúvida, grande quantidade de escritos religiosos tivessem sido traduzidos pelos cristãos nestorianos e jacobitas nos séculos anteriores.

O movimento de tradução no mundo árabe perpetuou o legado das antigas línguas de comércio, erudição e pensamento muito após o declínio destas. A princípio os tradutores, mas, mais tarde, os próprios filósofos árabes², desenvolveram um sistema de referência que não apenas auxiliou os arábífonos de suas épocas a entenderem e assimilarem os conceitos universais propostos pelas civilizações passadas, antes os colocaram na posição de dialogar com os grandes mestres, e a desenvolverem suas próprias premissas e axiologias. Esse trabalho de sistematização de conceitos, linguagem e pensamento ajuda também o mundo ocidental hodierno a entender o pensamento clássico (antigo e medieval).

AL-KINDĪ E SUA *EPÍSTOLA DAS DEFINIÇÕES*

² A adoção do qualificativo “árabe” aqui [e doravante] é deliberada. A controvérsia acadêmica sobre a terminologia correta a ser usada com referência aos filósofos que viveram nas Terras do Islam, embora relevante, foge ao escopo desse trabalho. Privilegiou-se essa denominação porque, Al-Kindī, o primeiro filósofo árabe, é o eixo norteador desse artigo.



Abu Yusuf Ya'qub ibn Ishaq Al-Kindī (796-873) tem sido conhecido como o filósofo árabe *par excellence*. Nasceu em Kufa, filho de um governador. Durante o califado de Al-Ma'mun e Al-Mu'tasim, Al-Kindī gozava de privilégios especiais, sendo o tutor do Ahmed, filho deste último. Ele trabalhava com um grupo de tradutores que verteu os textos de Aristóteles, dos neoplatonistas, e dos matemáticos e cientistas gregos para a língua árabe. Adamson (2005) relata que Al-Kindī era apenas uma das vertentes do movimento de tradução. Sua “escola” contrastava com aquela de Hunayn Ibn Ishāq e seu filho Ishaq Ibn Hunayn. “O círculo de Al-Kindī não produziu tantas traduções quanto as do círculo de Hunayn, mas algumas das obras que eles traduziram foram de imensa importância em determinar a recepção árabe do pensamento filosófico grego” (Adamson, 2005, p. 32).

Badawi (1987) afirma que não se sabe com certeza se Al-Kindī traduzia, ele mesmo, as obras gregas, mas sabe-se que ele estava envolvido ativamente no processo de monitoramento e correção das obras traduzidas. Provavelmente, “sua correção se limitava a encontrar a melhor expressão árabe e a propor termos técnicos melhores” (p. 30). Sabe-se, entretanto, que ele escreveu inúmeros comentários dos textos filosóficos de Aristóteles, mostrando uma atitude “englobadora” para com os escritos filosóficos, uma característica muito positiva para aquele que está à porta a fim de receber uma nova doutrina. Essa receptividade às novas idéias é claramente visto em sua *Filosofia Primeira*, uma epístola filosófica que trata da metafísica como a rainha das ciências, onde a busca da verdade é vista como o objetivo da vida humana.³

De acordo com Frank (1976), Ibn Al-Nadīm em seu *Fihrist*, caracteriza Al-Kindī como um filósofo natural, e divide suas obras em diferentes classes, incluindo os tratados filosóficos, científicos, médicos, astrológicos, músicos e matemáticos. Ibn Al-Nadīm fez um inventário de todas as obras de Al-Kindī, que chegaram à centenas, entretanto, poucas foram as que sobreviveram.

Hernandez (1963) atesta a importância do trabalho desenvolvido por Al-Kindī não apenas na recepção da filosofia através da tradução, mas em sua preocupação com a normatização do vocabulário filosófico:

³ “Não devemos nos envergonhar de admirar a verdade, nem de obtê-la seja lá de onde vier, ainda que tenha vindo de povos bem distantes de nós e de comunidades tão diferentes, pois não há nada mais fundamental do que a verdade para quem busca a verdade, pois esta não despreza e nem diminui quem a profere e nem quem a traz.” (Al-Kindī, 2006, p. 133).



“Além disso, ao ser Al-Kindī contemporâneo ao momento em que tem lugar a tradução ao árabe da enciclopédia grega, realizou um grande esforço para estabelecer a terminologia filosófica árabe. Assim, um de seus escritos, *Sobre as definições das coisas e de suas descrições*, é um pequeno mas preciso dicionário árabe, talvez o primeiro dos conhecidos no mundo árabe, de um pouco menos de cem termos, alguns dos quais parecem ter recebido de Al-Kindī um novo significado filosófico. Este trabalho de fixação terminológica pelo uso do método lógico-matemático, único capaz de facilitar o desenvolvimento do pensamento.” (Hernandez, 1963, 38).

O tratado conhecido como a *Epístola das Definições* sobreviveu em três manuscritos encontrados em Istambul, Londres e Lisboa (Kennedy-Day, 2003; Frank, 1976). Este artigo é baseado no livro *Rasā'il Alkindī alfalsafiyah* (As epístolas filosóficas de Al-Kindī), cujo texto foi estabelecido e editado por Muhammad Abdulhādī Abu-Ridah, obra publicada no Cairo, tendo por base apenas o manuscrito de Istambul.

Kennedy-Day (2003), em uma primeira instância, levanta dúvidas quanto a autenticidade da obra. Abu-Ridah (1950), involuntariamente, corrobora essa suspeita ao fornecer informações baseadas em evidências internas (texto e ruptura da convenção de apresentação) e externas (as condições em que foram encontradas o manuscrito). Segundo ele, embora a *Epístola* tivesse sido encontrada em um único conjunto com os demais tratados de Al-Kindī, a caligrafia desse manuscrito difere da dos outros. Além disso, todas as outras epístolas de Al-Kindī têm um pequeno prólogo de dedicação e comentários, mas na *Epístola das Definições* essas características não estão presentes. Entretanto, baseado no restante da leitura de sua introdução à *Epístola*, pode-se concluir que, se houve dúvida na mente de Abu-Ridah quanto a sua autenticidade, elas foram logo dissipadas. Suas últimas palavras são:

“Esta epístola – a despeito de sua brevidade, e a despeito de seu insuficiente conteúdo, e a despeito de tudo o que leitor educado moderno pode encontrar nela de deficiência – ela é, até onde eu creio, o primeiro livro sobre definições filosóficas entre os árabes, e o primeiro dicionário de terminologia que chegou até nós.” (Abu-Ridah, 1950, p. 164).

Ainda com relação à evidências externas colocando em dúvida a autenticidade da *Epístola*, Frank (1976), menciona que Ibn Al-Nadīm não inclui, especificamente, a *Epístola das Definições* em sua lista das obras redigidas por Al-Kindī, mas, de uma maneira genérica, ele menciona um tratado que se ocupava “com muitas questões acerca da lógica e outros assuntos, e acerca das definições de filosofia” (p. 09) que, acredita-se, esteja se referindo a *Epístola*.



Frank (1976) conclui não haver evidência definitiva para provar ou refutar a autenticidade do tratado, e descarta o assunto como irrelevante, pois, embora o assunto afete a posição histórica do documento, ele não tem influência no texto em si. No pior das hipóteses, o texto pode ser atribuído a um dos discípulos do “Filósofo Árabe”, já que o conteúdo da Epístola reflete o pensamento da Escola de Al-Kindī.⁴

A ausência do “prólogo” mencionado acima, deixa lacunas no que se refere ao propósito e a delimitação do público alvo da Epístola. Kennedy-Day (2003) postula que o propósito da obra era normatizar o vocabulário filosófico. Segundo ela, Al- Kindī, sendo o primeiro filósofo a escrever em árabe, enfrentou muitos problemas no que diz respeito à expressão em língua vernacular da terminologia técnica apropriada às noções filosóficas gregas e siríacas. Então, para auxiliar o trabalho de tradução e entendimento, fez-se necessário a criação de um vocabulário terminológico que expressasse os conceitos filosóficos em árabe. Ela afirma que a *Epístola das Definições* “indica a importância que a *falasifa* colocou na exata terminologia filosófica.” (Kennedy-Day, 2003, p. 19).

Quanto ao público alvo, Kennedy-Day (2003), baseado na escolha dos verbetes de Al-Kindī (onde vários dos conceitos filosóficos são transmitidos através de expressões linguísticas tiradas da linguagem comum, ou seja, deslizos linguísticos), sugere que sua audiência tinha pouco conhecimento de filosofia, talvez membros da corte. Muitas das definições são breves o suficiente para serem memorizadas e talvez substituídas (como um sinônimo) quando da leitura de um texto filosófico.

A *Epístola das Definições* baseada no manuscrito de Istambul contém uma lista de 96 termos, cada um deles seguido por uma breve definição. Todos são termos filosóficos ou, pelo menos, são termos usados no domínio da filosofia. Kennedy-Day (2003, p. 29) afirma que “[n]essas definições, Al-Kindī usa a técnica pedagógica de aumentar o conhecimento do leitor, partindo do que ele já conhece para chegar naquilo que ele não sabe, até que, gradualmente, ele se familiarize com a maneira filosófica de pensar.”

⁴ “O tratado undubitavelmente tem afinidades com o pensamento de Al-Kindi como conhecemos de suas outras obras... Há uma definição (LXXXV) que foi até mesmo citado por outro autor, o Al-‘āmirī do décimo século, em nome de Al-Kindī.” – Ibid, p. 09



É importante notar que, quando os árabes começaram a traduzir os textos gregos e siríacos durante o nono século, não havia um vocabulário técnico em árabe para expressar as noções filosóficas já consagradas naqueles idiomas. Dessa maneira, pode ser afirmado que um dos maiores legados de Al-Kindī para a filosofia de expressão árabe foi a formalização da linguagem de especialidade filosófica, que foi materializada no corpus de sua *Epístola das Definições*. (Walzer, 1962).

À guisa de exemplo, tome-se os seguintes termos propostos por Kennedy-Day (2003): /al-jawhar/, /al-hayula/ e /al-‘illa al-ula/. *Jawhar*, ou seja, *substância*, vem do étimo persa que significa gema ou jóia. Na época das traduções já havia sido adotada pela língua geral, mas com Al-Kindī ela passou a ter um sentido técnico. O mesmo pode ser dito de *hayula*, embora não sendo usada anteriormente na linguagem quotidiana, ela passou a significar “matéria”, transliterada do termo grego “*hyle*” (ὕλη) com o mesmo significado. Como uma palavra emprestada do grego, o vocábulo, usado no sentido filosófico, tornou-se um termo não específico, não trazendo à mente nenhum tipo peculiar de material.

A convenção de adotar termos estrangeiros para expressar conceitos novos é comum no domínio terminológico porque essas palavras não têm a “bagagem” que outras teriam. Elas são “artificiais”, fato que lhes proporciona uma utilidade *sui generis* na tarefa de representar uma idéia. “A medida que empréstimos lingüísticos estrangeiros são páginas brancas na linguagem receptora, elas exibem uma pureza [lingüística] que palavras nativas não têm”. (Kennedy-Day, 2003, p. 23).

Com respeito ao conceito “causa” pode-se dizer que foi uma escolha arbitrária de Al-Kindī. Há duas palavras em árabe que transmitem essa idéia, “*al-‘illa*” (pl. “*‘ilal*”) e “*sabab*” (pl. “*asbab*”). Al-Kindī escolheu empregar a primeira palavra enquanto outros tradutores e filósofos preferiram a segunda. “Na conhecida edição árabe da Física de Aristóteles, o tradutor Ishaq b. Hunayn, que viveu depois de Al-Kindī, usou o *asbab* para causas, não *al-‘ilal*.” (Kennedy-Day, 2003, p. 27).

Kennedy-Day (2003) e Frank (1997) crêem que a escolha de Al-Kindī por *al-‘ilal* deve-se ao fato de que esse termo tinha menos bagagem histórica, já que *asbab* era um termo reconhecidamente corânico. “Ele talvez estivesse se distanciando da teologia, ao indicar um



vocabulário técnico para a filosofia. Talvez ele tivesse esperando se proteger das controvérsias religiosas ao expressar suas idéias em uma linguagem não-religiosa.” (Kennedy-Day, 2003, p. 27).

Algumas das definições filosóficas de Al-Kindī, com o passar do tempo, entraram também para a língua comum. Versteegh (1997) ilustra isso com a definição para “paixão”. De acordo com Al-Kindī, “paixão é o excesso de amor”. A mesma definição foi adotada por Al-Jawharī (morto antes de 1007) em seu dicionário de língua geral. Lane em seu *Arabic-English Lexicon*, quando traduzindo o verbete /‘iḥq/ “paixão”, seguiu a mesma definição, “amor excessivo” (Lane, 1874, p. 2054).

TRADUÇÃO DOS VERBETES DA *EPÍSTOLA DAS DEFINIÇÕES*

Abaixo encontra-se a tradução de verbetes selecionados da obra dicionarística de Al-Kindī, a *Epístola das Definições*. Tradução feita do original árabe com cotejos do texto em espanhol de Guerrero, R. & Poveda, E. (1986) e da tese de doutoramento de Frank T. (1976). A tradução está no formato interlinear, feita na base de amostragem. Privilegiou-se para este artigo os primeiros quinze verbetes da *Epístola das Definições*.

No domínio da tradução, sabe-se que uma perfeita representação de um texto tão clássico é impossível devido a diferença de épocas (século IX em contraste com século XXI), a diferença de línguas (árabe clássico vs. português), e a diferença de cosmovisões (árabe medieval vs. latina). Sabe-se ainda que em toda tradução há, no melhor das hipóteses, resquícios de interpretação, por isso, neste artigo, privilegiou-se a abordagem de tradução literal, evitando-se paráfrasear os conceitos, o que pode resultar em um texto “truncado”, entretanto preferiu-se correr o risco de ser literalista e passar um “retrato” fiel do documento, do que se enveredar pelos caminhos da interpretação e passar uma “caricatura” do tratado e de seu autor.

Havendo dito isso, é importante ressaltar que quando o sentidos das palavras pareceram incompletos ou obscuros, colocou-se uma segunda opção de tradução ou um esclarecimento entre colchetes []. O produto final certamente demonstrará uma certa falta de fluidez e coesão nas definições, talvez pelo estilo de escrita no documento original, talvez pela própria natureza do documento que pede um tratamento vocabular especializado, ou talvez como uma das sequelas de ter escolhido permanecer o mais próximo possível ao texto árabe, porém, espera-se, que o



texto seja inteligível o bastante para acrescentar algo à escassa literatura sobre Al-Kindī e o papel que este desempenhou na estandarização do léxico filosófico.

بسم الله الرحمن الرحيم

Em nome de Deus, o clemente o misericordioso

رسالة الكندي في حدود الأشياء ورسومها

Epístola de Al-Kindī sobre a definição das coisas e suas descrições

- 01 العلة الأولى – مُبْدِعَة، فاعلة؛ مُتَمِّمَة الكلّ، غيرُ متحركة.



01.⁵ A Causa Primeira⁶: criadora [autora], agente: aperfeiçoadora do tudo, imóvel.⁷

02 - العقل – جوهرٌ بسيطٌ مُدركُ الأشياءِ بحقائقها.

02. O Intelecto: substância simples que tem percepção das coisas em suas verdades [intrínsecas].

03- الطبيعة – إبتداءٌ حركةٍ وسكونٍ عن حركة، وهو أول قوى النفس.

03. A Natureza: princípio de mobilidade e acinésia, sendo esta a primeira faculdade da alma.

04 - النفس – تمامية جرمٍ طبيعي ذي آلةٍ قابلٍ للحياة؛ ويقال: هي استكمال أول لجسم طبيعي ذي حياة بالقوة؛ ويقال: هي جوهر عقل متحرك من ذاته بعدد مؤلف.

04. A Alma: perfeição de um corpo natural que possui a capacidade para a vida; também diz-se: ela é a perfeição primeira de um corpo natural, que potencialmente possui vida. Também diz-se: ela é uma substância inteligente, que se move por si mesma, de acordo com um número harmônico.

05 - الجرم – ماله ثلاثة أبعاد.

05. O Corpo [celeste]: O que tem três dimensões.

06 - الإبداع – إظهارُ الشئ عن ليس.

06. A Criação: aparição de algo [proveniente] do nada [do não existente].⁸

⁵ Os números inexistem na obra original; eles são agregados aqui por questão de facilidade didática.

⁶ A convenção dicionarística moderna dita que os verbetes devem ser apresentados na forma canônica, ou seja, não marcada: verbos no infinitivo e substantivos na forma masculina, singular, sem o artigo definido. Sua apresentação também deve ser em minúsculas. Entretanto, devido a singularidade desse tratado, optou-se por manter a forma original de apresentação.

⁷ De acordo com Frank (1976), esses são epítetos divinos que foram mencionados vez após vez em outros tratados de Al-Kindi. Essa primeira definição remete-se a Deus como o verdadeiro agente por trás de tudo.

⁸ O conceito de “creatio ex nihilo” é uma das doutrinas cardeais das religiões monoteístas. Walzer (1962) e Jolivet (1981) afirmam que Al-Kindi está confirmando sua crença aqui, embora seja uma posição totalmente contrária à filosofia Aristoteliana, uma vez que nela, o mundo é eterno, e que nada chega a a qualidade de “ser” vindo do “não-ser”. A herança filosófica grega, em Al-Kindi, é “filtrada”, de maneira que aquilo que se opõe à revelação corânica é rejeitado. A criação do mundo “do nada” esboçada aqui por Al-Kindi, implica na não-eternidade do mundo físico, uma posição que consistentemente ele se apegava. Em sua *Filosofia Primeira*, Al-Kindi dedicou um trecho considerável ao argumento de que é impossível a eternidade de qualquer corpo.



TRAVESSIAS ED. 08 ISSN 1982-5935

revistatravessias@gmail.com

07 - الهيولى – قوة موضوعة لحمل الصور، منفعة.

07. A Matéria: faculdade estabelecida para receber formas, algo que é afetado [passivamente].

08 - الصورة – الشئ الذي به الشئ هو ما هو.

08. A Forma⁹: A coisa que por meio dela, ela é o que [ela] é.

09 - العنصر – طينة كل طينة.

09. O Elemento: matéria [natureza] de toda matéria [ou de tudo que tem matéria].

10 - الفعل – تأثير في موضوع قابل للتأثير؛ ويُقال: هو الحركة التي من نفس المتحرك.

10. A Ação: efeito sobre o sujeito susceptível a influência; e também diz-se: ele é o movimento que procede da alma [âmago] do [ser] propulsor.

11 - العمل – فعل بفكر.

11. A Atividade: ação com reflexão [pensamento deliberado].

12 - الجوهر – هو القائم بنفسه؛ وهو حامل للأعراض لم تتغير ذاتيته، موصوف لا واصف؛ ويقال: هو غير قابل للتكوين والفساد وللأشياء التي تزيد لكل واحد من الأشياء التي مثل الكون والفساد، في خاص جوهره، التي إذا عُرِفَتْ عُرِفَتْ أيضا بمعرفتها الأشياء العارضة في كل واحد من الجوهر الجزئي، من غير أن تكون داخلة في نفس جوهره الخاص.

12. A Substância: aquilo que subsiste por si próprio e que tolera [suporta] os acidentes sem mudança essencial; o que recebe atributos sem atribuir [a outra coisa]. Diz-se também¹⁰: não é susceptível à criação nem à corrupção, nem [é susceptível], em sua substância especial, a nenhuma coisa adicional similar à criação e à corrupção, que ao se ter conhecimento delas tem-se

⁹ “Forma” é uma possível equivalência para o vocábulo árabe. Hozien (2008) em seu Dictionary of Islamic Philosophical terms traduz o mesmo termo por “essência”.

¹⁰ Esta segunda parte da definição é muito confusa e obscura no documento original árabe. A tradução foi feita com ajuda da Prfa. Dra. Safa Jubran do Departamento de Letras Orientais, opção árabe.



conhecimento também das coisas acidentais em cada uma das substancias particulares, sem adentrar na essência de sua substância particular [única].

13 - الاختيار – إرادة قد تقدمها رويّة مع تمييز.

13. A Escolha: vontade que foi precedida [por] uma deliberação com discernimento.

14 - الكمية – ما احتمل المساواة وغير المساواة.

14. A Quantidade: aquilo que implica igualdade e desigualdade.

15 - الكيفية – ما هو شبيهه وغير شبيهه.

15. A Qualidade: aquilo que é semelhante e dissímil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato dos árabes com as ciências gregas dos séculos VIII e IX, foi a mola propulsora para a inserção de diversos termos no banco de palavras da língua. Os árabes, como todos os povos da terra, quando confrontados com o surgimento de novas idéias, tiveram que adaptar sua língua para responder ao novo conhecimento. A língua ajustou-se às mudanças usando os recursos disponíveis em sua própria natureza incluindo o processo de derivação, mas não se limitando a ele. A composição lexical, a arabização (transliteração) de conceitos, e os decalques e deslizes lingüísticos foram muito usados no processo de fazer a língua árabe mais apropriada para a discussão das ciências até então inexistentes entre eles.

Al-Kindī foi o estudioso responsável para que essa nova terminologia criasse raízes entre os árabes, deixando de ser uma planta exótica, e tornando-se uma espécie nativa. O epíteto “o filósofo dos árabes” representa bem a sua posição como o primeiro da lista de filósofos árabes. Ele foi a “ponte” que ligou o pensamento grego à tradição filosófica no Islam.

A despeito das centenas de obras que Al-Kindī redigiu – uma enciclopédia que cobriu uma ampla variedade das disciplinas científicas – o seu maior legado para a história do pensamento árabe foi a padronização da linguagem filosófica. O árabe, como língua de chegada



para os conceitos filosóficos (e científicos) gregos, necessitava de uma terminologia que não desse margem a ambigüidades, e foi precisamente essa normalização de termos que Al- Kindī conseguiu através de seu trabalho na *Epístola das Definições*.

Para tanto ele cunhou neologismos, empregou estrangeirismos e usou vocábulos já consagrados na linguagem geral, porém revestindo-os de uma nova roupagem, um novo significado. Al- Kindī, além de ter sido o filósofo árabe *par excellence*, também foi um terminólogo extraordinário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-RIDAH, M. A. **Rasā'il Al-Kindī Al-falsafiyah [As epístolas filosóficas de Al-Kindī]**. Cairo. Dār Al-fikr al-ʿarabī. 1950.

ADAMSON, P. (Org). **The Cambridge companion to Arabic Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

AL-KINDĪ, A Filosofia Primeira. In: **Tiraz - Revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio. Ano III. pp. 131-159**. São Paulo. Programa de pós-graduação em língua, literatura e cultura árabe – USP. 2006.

ATTIE FILHO, M. **Falsafa – a filosofia entre os árabes**. São Paulo: Editora Palas Athena. 2002.

BADAWI, A. **La transmission de la philosophie grecque au monde arabe**. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin. 1987.

BRASWELL, G. W. **Islam: Its prophet, peoples, politics and power**. Nashville: Broadman & Holman. 1996.

EL-KHAFIFI, H. M. **The role of the Cairo academy in coining arabic scientific terminology: an historical and linguistic evaluation**. Utah, 1985. 215 p. Tese de doutoramento (Middle East Studies) – University of Utah Graduate School.



FRANK, T. Z. **Al-Kindī's book of definitions: Its place in Arabic definition literature.**

Tese de doutoramento. Yale University. Philosophy. 1976. 175 p.

JOLIVET, J. La evolución del pensamiento filosófico en sus relaciones con el Islam hasta Avicena. In: **El Islam, la filosofía y las ciencias.** Paris: Editorial de la Unesco. 1981.

GUERRERO, R. R. & POVEDA, E.T. **Obras filosóficas de Al-Kindī.** Madrid: Editorial Coloquio. 1986.

GUTAS, D. **Greek thought, Arabic culture: The Graeco-Arabic translation movement in Bagdad and early 'Abbasid society.** London: Routledge. 1998.

HERNANDEZ, M. C. **La filosofía árabe.** Madrid: Clavileño. 1963.

HOZIEN, M. **Dictionary of Islamic philosophical terms.** Disponível em
<<http://www.muslimphilosophy.com/pd/default/htm>>. Acesso em: 05 abril, 2008.

KENNEDY-DAY, K. **Books of definition in Islamic philosophy: The limits of words.** London: Routledge. 2003.

LANE, E. **Arabic-English Lexicon.** London: Williams and Norgate. 1874.

VERSTEEGH, K. **Landmarks in linguistic thought III: The arabic linguistic tradition.** London: Routledge. 1997.

WALZER, R. New studies on Al-Kindī. In **Greek into Arabic: Essays on Islamic Philosophy.** Cambridge: Harvard University Press. 1962.